

Público	Periodicidade: Diário
08-08-2022	Classe: Informação Geral
	Âmbito: Nacional
	Página(s): 1,24,25



Série da RTP
Filmar uma *Madrugada Suja*
de Miguel Sousa Tavares é
retratar a política de corrupção
Cultura, 24/25

Filmar uma *Madrugada Suja* de Miguel Sousa Tavares é retratar a política de corrupção

Futura série da RTP terminou rodagem no sábado. Rafael Morais, Gonçalo Waddington e Victoria Guerra são alguns dos rostos que se tornam arquétipos de portugueses tocados de diferentes formas pela corrupção. “É impossível não reconhecer o padrão”

Reportagem

Joana Amaral Cardoso Texto
Nuno Alexandre Fotografia

Em 2013, quando lançou *Madrugada Suja*, Miguel Sousa Tavares dizia ao PÚBLICO: “O grande tema do livro são os acasos da vida.” E ia mais longe: “Não há neste livro nenhuma personagem nem nenhuma cena grandiosa. Não há um herói como havia o Luís Bernardo no *Equador*”, *bestseller* do autor que, tal como agora acontece com *Madrugada Suja*, foi adaptado para televisão. No penúltimo dia de rodagem da futura série da RTP, filma-se uma cena em que os acasos e as linhas cruzadas eclodem num pequeno gabinete no centro de Lisboa. Gonçalo Waddington está sentado na pele de um político e o jovem arquitecto activista Rafael Morais tem à impaciência nos passos que repete à porta antes de o confrontar. “Relat Sont!”

Não há um só herói claro em *Madrugada Suja*, que a produtora Maria & Mayer está a preparar para a RTP, mas o enredo está preso por alguns vértices essenciais: o autarca Carlos Ferreira (Adriano Carvalho), o ex-médico e autarca que assume querer ser primeiro-ministro Luís Morais (Waddington), o arquitecto municipal Filipe Madruga (Morais), o construtor Acrísio Travassos (Manuel João Vieira) e a procuradora do DIAP de Évora Maria Rodrigues (Victoria Guerra). As suas vidas estão ligadas por uma tecelagem que não deixa nenhum deles incólume. A pairar sobre todos está o tema da corrupção.

São essas as linhas que interessaram logo a Rafael Morais, que fala com o PÚBLICO numa

pausa das gravações na manhã de sexta-feira. “O tema da corrupção é muito interessante para a minha personagem: perceber qual é o ponto de viragem em que uma pessoa está disposta a abdicar daquilo em que acredita e deixar-se corromper para proteger quem ama.”

A conversa decorre numa sala que se intitula de nobre e que tem todas as camadas da ostentação de poder de certas épocas — os sofás e poltronas que atravessaram os anos 1980 e 1990, os grandes tapetes, os espelhos de grande ornamento dourado, os lustres a puxar ao cristal. No átrio, cartazes e panfletos anunciam que com Gonçalo Waddington, aliás Luís Morais, “Portugal Pode Mais”, apelando ao voto no Partido Democrata.

São ficcionais, o partido e as bandeirinhas que se vislumbram em alguns espaços do cenário, mas Gonçalo Waddington não consegue evitar referências ao presente e a nomes que pensa que a sua personagem pode evocar — seja pelas acusações de corrupção de que são alvo, seja pela forma como lidam com elas. “É impossível não ver aqui [o ex-primeiro-ministro José] Sócrates”, alude, minutos depois de se indignar com a reacção do Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, quando o seu partido foi acusado de receber subornos.

“É inegável o retrato que a série faz da política em Portugal. Não convém generalizar, mas é

impossível não reconhecer o padrão”, diz o actor ao PÚBLICO, já de chinelos nos pés e *T-shirt* do filme *O Padrinho*, ele próprio fruto da adaptação de um livro, vestida. Despido o fato do político, explica como optou por não ler o livro de Sousa Tavares e assumir que a série “é um material diferente”. “Sou muito interventivo”, explica sobre a sua relação com o texto e com a equipa, e seria seguramente “muito frustrante” ter ainda mais um elemento a pender sobre o muito da história que quer ajudar a contar.

Em 2013, Miguel Sousa Tavares considerava que *Madrugada Suja* mostrava bem a “clivagem entre a geração que começou a fazer política a seguir ao 25 de Abril, que era a nata do país, que eram movidos por ideais”, e o então estado da política nacional. Quase uma década e muitos casos novos de corrupção passaram, o cenário não é muito diferente.

Sebastião Salgado, que tem apenas três curtas realizadas no currículo sobretudo feito de escrita de argumento em séries, estreia-se na realização de uma série com este projecto. Considera “uma dádiva” ter, nesse contexto, alguns dos melhores actores portugueses a trabalhar consigo. Primeiro enquanto leitor e agora como realizador, considera *Madrugada Suja* “um retrato da evolução do país. É uma visão macro do território português desde os sonhos de Abril até aos anos 1980, 90, 2000 com o surgimento da especulação imobiliária, a desertificação, a forma como a actividade imobiliária e a corrupção a elas associadas acabaram por moldar o país e a sociedade. Geraram personagens que todos conhecemos e que nesta transição para o ecrã tentamos tratá-las não como



6

Foram seis semanas de rodagem, entre Lisboa, Santiago do Cacém, Grândola e Évora

Público

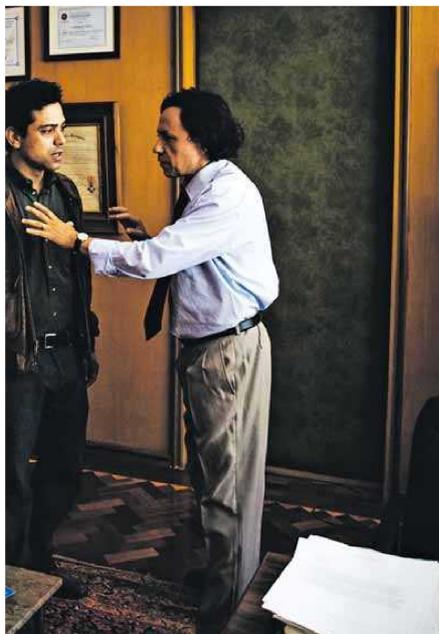
08-08-2022

Periodicidade: **Diário**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Pagina(s): **1,24,25**

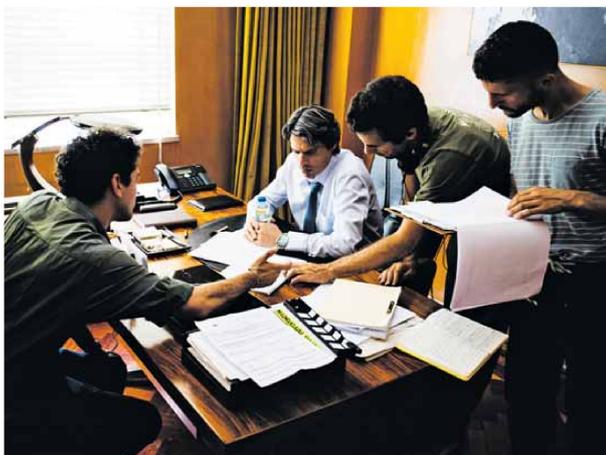


caricaturas, mas como arquétipos", explica.

Passos de gato

Rafael Morais fala com o PÚBLICO pouco antes de começar a dança de ensaios e filmagens a partir de diferentes planos da mesma longa cena que lhe ocuparia o resto da manhã. "O Filipe é um arquitecto que trabalha numa associação que protege aves e por causa de um erro, um acaso vá, que cometeu quando era adolescente vai ser chantageado pelas pessoas interessadas em financiar um projecto numa área protegida, para o aprovar apesar de ser totalmente contra", explica sobre a sua personagem e a forma como é tocada pela corrupção.

A tensão em que a sua personagem está antes de entrar no pequeno gabinete de portas almoñadadas cedido pela União de Associações do Comércio e Serviços, no centro de Lisboa, é descarregada em cada passo de espera. Em contraste, mal começam os ensaios e sobretudo a gravação de um dos seis planos da cena de dez páginas, todos os passos da equipa são de gato. Só quando se abrem as portas e se



ouve o sagrado "corta" é que se quebra o silêncio – a caracterização aproveita para tornar Gonçalo Waddington um pouco mais grisalho, sete pessoas amontoa-se em diferentes correcções numa sala onde o televisor só vai mostrar duas.

Maria João Mayer, que se tem aventurado pela televisão além do seu trabalho já conhecido na produção de cinema e documentário, estava em busca de novos projectos durante a pandemia. "Estava a trabalhar com a editora Cristina Ovideu e um dos livros que surgiram foi o *Madrugada Suja*. Dá uma bela série, passada em três épocas mas bastante actual. Falei com o Miguel [Sousa Tavares] e avançámos – sabendo ele que é uma adaptação, que há cenas que têm de saltar, que há cenas novas", esclarece.

Os temas que lhe chamaram a atenção são também o da "desertificação, do desordenamento em terrenos que deveriam ser protegidos". Convidou o realizador Sebastião Salgado, com quem estava a trabalhar numa longa-metragem, para o projecto. "Ele conhecia muito bem o livro", diz a produtora, e "tem um olhar bastante contemporâneo sobre os assuntos", destaca. "A forma como desenvolveu o *casting* é bastante pessoal." A série conta ainda com José Pimentão, Sandra Faleiro, Maria João Falcão, Iris Cayatte, Lia Carvalhal ou Marco Mendonça no elenco. A adaptação do texto de Sousa Tavares foi feita por Filipa Cabrita de Sousa. Rafael Morais valoriza o

trabalho que o realizador homónimo do famoso fotógrafo brasileiro "quis fazer com os actores, nos ensaios de leituras antes da filmagem". São raros na produção audiovisual portuguesa, lamenta o actor, e muito apreciados. Sebastião Salgado também menciona esses momentos. "Fomos todos encontrando as personagens, e a história, juntos."

Um cromeleque em Évora

Tempo é dinheiro e é também uma medida muito particular numa rotação. Os compassos de espera são constantes para que quando rodar, a máquina esteja afinada. Os actores carregam as páginas com o texto para todo o lado. Paulo Pinto, que desta filmagem ainda irá para uma actuação à noite no teatro, a certa altura encosta-se numa cadeira da sala de caracterização, sem

É "um retrato da evolução do país. É uma visão macro do território português desde os sonhos de Abril até aos anos 1980, 90, 2000 com o surgimento da especulação imobiliária, a desertificação"

sapatos, e deixa os olhos fechar.

Rapidamente volta à acção, porque a sua participação nesta cena filmada milhentas vezes de tantos ângulos diferentes é no princípio, no meio e no fim. O resto é com Waddington e Morais (e com o perchista empoleirado algures, e com o assistente de realização que a câmara esconde, e com a ilha de controlo de som e realização na sala ao lado).

Estamos na Rua Castilho, numa zona nobre de escritórios de Lisboa, mas a série já andou por muitos lados em apenas seis semanas de rotação. São curtas, ainda, as rotações da muitas das séries portuguesas, sintoma de orçamentos e montagens financeiras em fase de maturação. A produção teve apoio da RTP, do Instituto do Cinema e do Audiovisual, do fundo que liga Cultura e Turismo PicPortugal e apoios logísticos dos locais onde filmaram, no Alentejo, por exemplo (Santiago do Cacém, Grândola, Évora). Mas também se fizeram cenas no Tribunal Militar em Lisboa, na Tapada de Mafra e em casas privadas.

Foi a visita e filmagem no cromeleque dos Almendres, em Évora, que Rafael Morais destaca. "Mas é mais uma coisa emocional, pelas cenas que estávamos a filmar", diz, sem mais poder avançar para não desvendar detalhes da história que os que não leram a obra poderão descobrir nas noites da RTP (ainda sem data de estreia). "O espaço carrega uma energia. A luz estava linda. Teve um impacto muito grande em mim."